

CAPÍTULO 21

“SE ESSA RUA FOSSE MINHA”: TRILHAS URBANAS E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM BELO HORIZONTE²⁰

Natália Fernanda Sotero Silva
Rogéria Cristina Alves

RESUMO

A proposta do presente artigo é apresentar o projeto de pesquisa “*Se essa rua fosse minha*”: o mapeamento dos espaços de memória de uma cidade educadora a partir das relações étnico-raciais. Desenvolvido no âmbito do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE) da Faculdade de Educação (FaE/Campus BH) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), o projeto pretende efetuar o mapeamento dos espaços de memória, na cidade de Belo Horizonte, a partir da perspectiva educacional da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). Para tal, alicerça-se em conceitos teóricos como lugar de memória e alfabetização histórica e cartográfica. Neste ínterim, o projeto também se insere no hall dos estudos sobre o Patrimônio Cultural Brasileiro, por ter como objeto bens de natureza material ou imaterial que fazem referência à identidade, à ação e à memória de um dos principais grupos formadores da sociedade brasileira: a população negra.

PALAVRAS-CHAVE: Lugares de Memória. Educação das Relações Étnico-Raciais. Belo Horizonte.

1. INTRODUÇÃO

“Como chamar de objeto religioso, onde tudo é religião ou objeto de arte, onde tudo é arte? Tudo é culto: culto do mundo.”
(AS ESTÁTUAS TAMBÉM MORREM, 1953, n.p)

É de amplo conhecimento um movimento ocorrido no mundo ocidental, que tem questionado e repudiado publicamente monumentos e estátuas que prestam homenagens à sujeitos históricos, cujas ações passadas estiveram ligadas ao escravismo, ao racismo e ao genocídio da população negra. Essas estátuas que foram consideradas símbolos de memória e mesmo da história de diferentes lugares e populações também estão morrendo — para fazer referência e contraponto ao famoso documentário francês, “As estátuas também morrem” (*Les statues meurent aussi*), de 1953. Produzido no intuito de refletir sobre a exposição e apropriação de artefatos de arte de origem africana, em diferentes museus europeus, o documentário lança uma crítica sobre as percepções construídas sobre tais objetos — que foram totalmente descontextualizados de sua origem e significados originais. Desta forma, o que prevalece naquelas exposições são visões europeias e capitalistas sobre as sociedades africanas. A morte

²⁰ Projeto financiando, parcialmente, com recursos do Edital 05/2020 do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa - PAPq /UEMG, da Universidade do Estado de Minas Gerais.

de tais objetos se daria justamente neste processo de omissão e mesmo negação da identidade, ação e memória dos grupos sociais que as produziram.

A situação contemporânea de derrubada de estátuas históricas, contudo — embora também marque a morte destes objetos e dos aspectos do passado que eles valorizam — é fruto da reação de um movimento popular, que milita contra o racismo e que não considera mais pertinente a destinação de lugares públicos de memória, a determinados sujeitos. O debate que tal situação tem suscitado talvez ainda não tenha alcançado uma reflexão fundamental: não se trata de uma negação sobre a existência de fatos do passado, mas sim, de uma ressignificação sobre a definição do ato de prestar homenagens à sujeitos que foram racistas e que alimentaram o escravismo e a morte de africanos e seus descendentes. São vozes populares que veem e questionam o lugar de memória destinado a estes sujeitos no mundo atual. As análises sobre esta situação caminham em direções várias, mas uma questão essencial permanece: como a memória das populações negras e afrodescendentes são valorizadas nos espaços públicos? Há lugares de memórias destinados a este grupo étnico-racial? Essa reflexão vai de encontro à perspectiva educacional que os espaços públicos exercem sobre a população, especialmente enquanto espaços de memória. E é também nesta perspectiva que o projeto de pesquisa “Se essa rua fosse minha [...]” se insere.

O título deste projeto remete a uma antiga cantiga de roda que atravessa o tempo e marca as brincadeiras de diferentes gerações de crianças brasileiras. Uma leitura mais aprofundada desta mesma cantiga convida a pensar sobre os usos dos espaços públicos pertencentes a uma cidade. Afinal, os espaços públicos, em especial aqueles destinados à preservação da memória dos diferentes grupos sociais que constituem uma cidade, representam todos estes sujeitos? Há uma valorização pública materializada em monumentos, estátuas e outras formas de homenagem à memória da população negra e afrodescendente?

A proposta deste projeto é repensar essas questões a partir de um ponto fulcral para a área educacional: a Lei de Diretrizes e Bases Educacionais, Lei de nº 9.394/96, em seu artigo 26:

Art. 26 – A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.
§ 1ª – O Conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.
§ 2ª – Os Conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 1996, p. 16).

A percepção do espaço físico e cultural de uma cidade a partir de uma leitura calcada na educação das relações étnico-raciais visa suprir uma demanda por materiais e projetos educacionais que sejam comprometidos com a promoção de uma educação antirracista e promotora de igualdade racial. Premissas essas que estão presentes em quatro das dez competências gerais propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC): conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; e responsabilidade e cidadania.

O espaço geográfico eleito para essa investigação é a cidade mineira de Belo Horizonte. Fundada em 12 de dezembro de 1897, a capital mineira atualmente é uma das dezesseis cidades brasileiras participantes da Associação Internacional das Cidades Educadoras — movimento que teve início em 1990, com o I Congresso Internacional de Cidades Educadoras, realizado em Barcelona, na Espanha. Uma cidade educadora:

[...] é aquela que, para além de suas funções tradicionais, reconhece, promove e exerce um papel educador na vida dos sujeitos, assumindo como desafio permanente a formação integral de seus habitantes. Na Cidade Educadora, as diferentes políticas, espaços, tempos e atores são compreendidos como agentes pedagógicos, capazes de apoiar o desenvolvimento de todo potencial humano (SITE EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO, 2023, n.p).

Espaços públicos de memória são compreendidos nesta proposta como museus, centros culturais e de memória, arquivos, ruas, praças, parques, edificações e monumentos, tendo por base o conceito de *lugar de memória* cunhado por Pierre Nora (NORRA, 1993). De acordo com informações da Prefeitura Municipal (PBH), Belo Horizonte possui mais de 11,3 mil ruas e quase 300 avenidas. Possui também 790 praças, 74 parques, mais de 30 museus e centros de memória públicos e 1 arquivo público municipal. São mais de 150 monumentos, segundos inventários realizados pela prefeitura de Belo Horizonte. Mas de acordo com a pesquisadora de patrimônio cultural e historiadora Nila Rodrigues Barbosa, apenas 3 destes monumentos prestam homenagem à cultura afro-brasileira (BARBOSA, 2018).

Alguns estudiosos podem argumentar que Belo Horizonte é uma cidade republicana por excelência, sem passado escravocrata — afinal, quando foi fundada, já fazia mais de nove anos da assinatura da Lei Áurea, que, em 13 de maio de 1888, pôs fim ao regime de escravidão. Mas tal fato não a isenta da presença da população negra. Tão pouco libera a capital mineira da responsabilidade com a história pública sobre a memória da população afrodescendente. Minas Gerais é o terceiro estado com maior presença da população negra no Brasil (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), 2013) e nos últimos seis anos, a população mineira declarada preta e parda cresceu 40,9% e 7,3%, respectivamente (PNAD, 2019). Quando o foco é concentrado na Região Metropolitana de Belo Horizonte, a diferença fica ainda maior,

com 63,2% das pessoas se declarando pretas ou pardas em 2014, e 36,4 como brancas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014).

Outro fator que deve ser levado em consideração é que os arredores da capital mineira e o interior do estado, principalmente nas antigas áreas de mineração de ouro, são históricos a presença da população negra. É também perceptível e fundamental as raízes africanas na cultura, na arte popular, na gastronomia, nos costumes e na língua portuguesa. Em contrapartida, é preciso ressaltar que um estudo inédito realizado pela Comissão Especial de Estudo do Genocídio da Juventude Negra e Pobre da Câmara Municipal de Belo Horizonte, em 2018, apontou que 70% dos jovens assassinados na capital mineira são negros — o que torna a cidade, a 11ª capital que mais mata jovens negros em todo o país. Os números se referem a 2010, ano do último levantamento sobre a violência homicida, que se tornou uma realidade em todo o país, e mostram a capital mineira à frente dos municípios do Rio de Janeiro (20ª) e São Paulo (27ª). Neste sentido, a formulação e implementação de políticas públicas de preservação da vida, melhoria de condições socioeconômica e que também valorizem a história e cultura afro-brasileira se fazem urgentes.

O que se propõe neste projeto é a construção de uma cartografia dos espaços de memória que fazem referência à população negra, de modo a criar roteiros e passeios educacionais que possam retratar a história e a memória dessa parcela da população brasileira — que segundo dados do IBGE, é a maioria no Brasil. Objetiva-se, desta forma, contribuir através de uma ação educativa, para a valorização, preservação e conservação da história e cultura afro-brasileira. A cartografia proposta destes espaços terá uma função educativa que coaduna com as premissas educacionais para a diversidade, formação cidadã e a ecologia dos saberes (SANTOS; MENESES, 2010). Outrossim, este projeto também aborda a perspectiva do patrimônio cultural brasileiro, por comprometer-se em apontar e a criar itinerários educativos, que envolvam as edificações e espaços destinados às manifestações de memória e história da população afrodescendente das Minas Gerais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta de trabalho com a cartografia etnográfica, com vistas à construção de ferramentas educacionais, sob a forma de trajetos e rotas culturais de visitação, tem por objetivo principal, trabalhar de forma efetiva a Lei de Diretrizes e Bases Educacionais — em seus artigos já mencionados. E também promover a construção de uma alfabetização histórica e geográfica

para estudantes, a partir do conhecimento do território urbano e valorização da história e culturas africanas e afro-brasileiras. E neste sentido, concorda-se com Milton Santos:

Um lugar não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (SANTOS, 2000, p. 114).

Outro conceito chave neste estudo é "lugar de memória", compreendido a partir da definição do historiador Pierre Nora, segundo a qual:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados, nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Se vigilância comemorativa, a história depressa os vareia. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É neste vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva (NORRA, 1993, p. 13).

Contudo, o reconhecimento sobre determinados espaços enquanto lugares de memória não é o bastante para defini-los e conservá-los. Neste sentido, a busca por espaços públicos dentro da cidade de Belo Horizonte, que se configurem enquanto lugar de memória e que retratem a população negra é um desafio duplo. Primeiramente, é preciso reconhecer tais espaços, para além dos três monumentos que prestam homenagem à população afrodescendente na capital, que são: a estátua de Iemanjá, colocada na Lagoa da Pampulha em 1982; uma estátua do Preto Velho, no bairro Silveira, também colocado lá há mais de 30 anos; e a escultura feita para Zumbi dos Palmares em 1995, que fica na Avenida Brasil, perto da Praça Floriano Peixoto. E em segundo lugar, é preciso refletir e problematizar como tais lugares estão sendo definidos e conservados nos diferentes contextos sociais.

A definição, reconhecimento e conservação dos lugares de memória são permeados por relações de poder, tensões e conflitos. Decerto que há uma valorização das obras e práticas culturais que retratem as classes e ideologias dominantes, em detrimento daquelas que retratam as classes subalternizadas. Neste sentido, os roteiros "etno-cartográficos" que serão criados também poderão ser percebidos como referências culturais, na medida em que:

[...] referências são edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado [...]. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentido de identidade, são o que se chama de raiz de uma cultura (IPHAN, 2000, n.p).

E por fim, ressalta-se que esta proposta de trabalho é gestada a partir dos princípios da Ecologia dos Saberes. No livro "Epistemologias do Sul", o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2010) propõe uma reflexão acerca das formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, que foram relegados à subalternidade pelo processo de colonização. A alternativa oferecida pelo sociólogo, na atualidade, para contrabalancear essa disparidade é a perspectiva da ecologia dos saberes — que propõe um diálogo horizontal entre as formas de conhecimento. Deste modo, acredita-se que essa proposta valoriza e contempla as histórias e culturas afro-brasileiras, de modo a "dar voz" a tais histórias e culturas, contribuindo para a construção de uma proposta educacional que se propõe ao diálogo horizontal entre as formas de conhecimento e valorização da memória e história de diferentes grupos étnico-raciais. Desenvolve-se e aponta-se algumas possibilidades de trabalho educativo, a partir da identificação de um itinerário educativo pelo hipercentro da capital mineira.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada pelos pesquisadores e participantes envolvidos neste projeto os expõe como transeuntes, prevendo além da pesquisa bibliográfica sobre tais espaços de memória, um deslocamento a pé pelos locais aventados, com a produção de registros fotográficos e textos instrutivos. Inspirada nas ideias de Michel de Certeau, acredita-se que tal metodologia andante, pode revelar sentidos e apropriações atribuídos ao espaço para além da ordem dominante (CERTEAU, 1994, n.p).

João Teixeira Lopes, argumenta que a metodologia andante — que será utilizada pelos pesquisadores e participantes deste projeto — desafia o medo da cidade e as gestões políticas desse medo, de modo a impor:

[...] *passo a passo*, o direito de transgredir fronteiras sociais e simbólicas, acabando com as cidades interditas, os bairros do estigma, as separações 'naturais', 'puras' e 'fixas', as abstrações do outro como excluído e marginal, a descoincidência, tantas vezes demonstrada, entre a (in) segurança subjectiva e a (in)segurança objectivamente medida. Aliás, é pela transgressão de fronteiras e pelo *mover-se na fronteira* que as legitimidades dominantes vão sendo, a diversos níveis, questionadas (LOPES, 2008, p. 78).

A proposta de um "mapeamento" de espaços de memória, a partir da perspectiva etnográfica, também encontra respaldo na metodologia de "mapear" pensada por Ingold,

segundo a qual, os lugares existem não no espaço, mas como nós, em uma matriz de movimento:

[...] seria errado, ou pelo menos enganoso, comparar o conhecimento do nativo a um mapa, há certo paralelo que pode ser traçado entre os processos de conhecer e mapear. Ambos são atividades situadas no ambiente, ambos são realizados ao longo de trilhas de circulação, e ambos se desenvolvem ao longo do tempo (INGOLD, 2000, p. 220).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

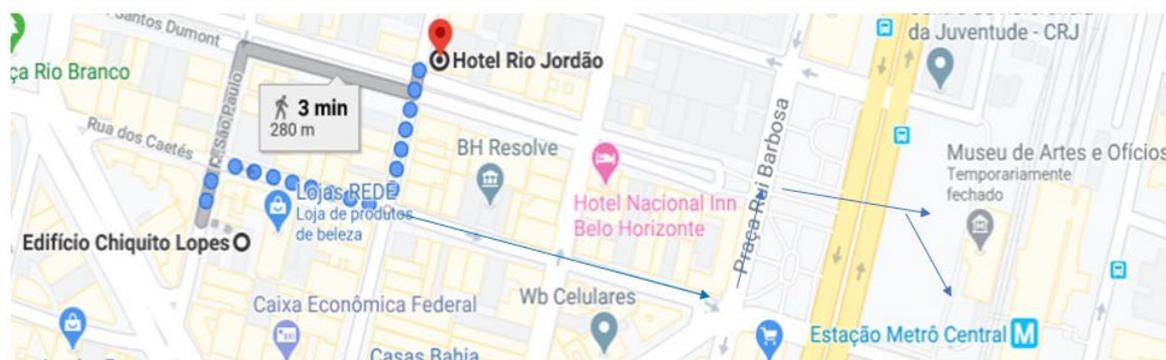
Nesta seção apresenta-se o itinerário educativo que foi pensado para visitação, com estudantes do ensino fundamental, para observação de várias questões pertinentes ao ensino de Geografia e de História, em especial. Mas há, também, possibilidades apontadas de estudo de outros componentes curriculares.

4.1 Itinerário Educativo 1: Rua Rio de Janeiro; Rua São Paulo e Museu de Artes e Ofícios

O primeiro itinerário tem como ponto de partida a visualização dos murais propostos e pintados pelo Circuito Urbano de Arte (CURA) — um festival de pintura de empenas²¹ em ruas importantes do centro de Belo Horizonte, visando difundir a arte urbana e a cultura de rua. Considera-se esta iniciativa artística uma importante ferramenta educacional, que valoriza elementos da cultura negra e afrodescendente, assim como promove a valorização da estética deste grupo populacional. Os gigantescos murais também podem funcionar como uma ferramenta de localização geo-espacial, auxiliando no processo de conhecimento e alfabetização geográfica. Um passeio educativo que contemple esta arte urbana também envolve aspectos históricos e pode servir como base para uma pesquisa educativa sobre a origem das ruas belorizontinas e de seus nomes. Afinal, conhecer o espaço em que se vive é também apropriar-se dele. Desta forma, as vias urbanas constituem-se em pontos de referência espacial, mas também funcionam como espaços públicos que retratam a memória, a história e mesmo a identidade de grupos populacionais.

²¹ As empenas são as paredes laterais de um edifício, sem aberturas (janelas ou portas), estas paredes estão preparadas a receber outro edifício encostado. São também chamadas de “parede cega” de um edifício que habitualmente é de encosto para outro edifício.

Figura 1: Mapa do Itinerário Educativo 1.



Fonte: Google Maps (2022).

Partindo-se da Rua Rio de Janeiro, o primeiro mural a ser observado está na empena do Hotel Rio Jordão. A pintura feita pela artista Priscila Amoni consiste na retratação da modelo Nath Sol, representada por uma mulher negra, que carrega duas plantas em suas mãos, unindo assim, a mulher negra com a natureza. No meio da imagem, a artista transpareceu a palavra coragem — uma reflexão sobre os aspectos ligados à concepção de gênero e raça que inevitavelmente está posta ao se retratar o corpo de uma mulher negra.

Figura 2: Empena da Rua Rio de Janeiro, Belo Horizonte - MG.



Fonte: Site do Circuito Urbano de Arte (CURA) (2021).

O segundo ponto do itinerário é a Rua São Paulo, que também possui um mural de arte urbana que pode ser incluído num roteiro educativo sobre espaços de memória da população negra e afrodescendente. Localizado na Rua São Paulo, na empena do Edifício Chiquito Lopes encontra-se o mural Híbrida Astral. Pintado pela artista Criola, conhecida por usar a arte de rua como uma ferramenta para a afirmação do empoderamento feminino negro, o mural batizado de Híbrida Astral, retrata uma mulher negra como uma guardiã dos aspectos culturais e sociais

de matriz africana, que exaltam a originalidade do povo brasileiro, valorizando a presença feminina no espaço social. Segundo a artista, a fonte de inspiração de suas obras são as culturas de matrizes africanas, tão evidentes na composição social brasileira.

Figura 3: Híbrida Astral, Rua São Paulo, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Site do Circuito Urbano de Arte (CURA) (2021).

O Itinerário segue para o seu destino final, na famosa Praça da Estação (cujo nome oficial é Praça Rui Barbosa), onde propõe-se a visita guiada ao acervo do Museu de Artes e Ofícios (MAO). O MAO está instalado na Estação Ferroviária Central de Belo Horizonte, ao lado da Estação Central do Metrô. O rico acervo material deste Museu contempla o universo do trabalho, das artes e ofícios no Brasil, e foi criado a partir da doação ao patrimônio público de mais de duas mil peças entre objetos, instrumentos e utensílios de trabalho do período pré-industrial brasileiro. O MAO possui uma equipe educativa engajada com as questões em torno da valorização e reflexão sobre o universo laboral brasileiro e o seu programa educativo oferta visitas e “trilhas” pelo acervo, que são mediadas pelos educadores. O intuito destas ações é promover uma relação de proximidade com o espaço cultural em questão, de modo a favorecer a sensibilidade do público quanto à relevância dos objetos que contam parte da História do trabalho e dos trabalhadores no Brasil e no estado de Minas Gerais.

Figura 4: Museu de Artes e Ofícios (MAO), Belo Horizonte – MG.



Fonte: Site do MAO (2021).

No site do referido Museu é possível encontrar informações sobre o agendamento e a mediação de visitas para grupos escolares. Assim, para fechar o trajeto que se propõe no primeiro itinerário do projeto “Se essa rua fosse minha”, indica-se que os estudantes e professores que se habilitarem a trilhá-lo, agendem com o Educativo do Museu o percurso da “Trilha afro-brasileira”.

A trilha afro-brasileira promove uma reflexão sobre a importância do trabalho, das tecnologias e da cultura de origem africana e negra para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Dentre as indagações propostas pelo setor educativo, estão as questões sobre as contribuições intelectuais e culturais trazidas pelo povo negro e escravizadas que foram demandadas e incorporadas à sociedade pré-industrial brasileira. E de acordo com o próprio site do Museu:

Nesta trilha, longe de se almejar o esgotamento destas questões, pretende-se enfatizar os diversos ofícios que se estabeleceram no período em questão, e que cuja mão de obra era predominantemente negra, escravizada ou não, delineando-se um panorama sobre sua centralidade no mundo do trabalho, suas técnicas aprimoradas por anos de experiência e prática, ressaltando as contribuições que ultrapassam a ideia da força bruta e do vigor físico (MAO, 2021, n.p).

Para fechar com chave ouro o passeio e a proposta educativa, os participantes são convidados a observar o mural que está pintado na Estação Central do Metrô e que retrata a artista negra brasileira, Elza Soares.

Figura 5: Mural Elza Soares, por Minas de Minas Crew, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Site do Circuito Urbano de Arte (CURA) (2021).

O mural, elaborado pelo coletivo de grafiteiras de Belo Horizonte “Minas de Minas Crew, integra o projeto “Nós podemos tudo” que retrata mulheres que fazem e fizeram a história do mundo”. Elaborado durante o Circuito Urbano de Arte (CURA), o painel é uma homenagem à Elza Soares e um chamamento para que as pessoas conheçam a biografia desta importante personalidade artística brasileira.

Acredita-se que o itinerário educativo proposto é um conjunto de atividades que tem como fundamento inicial, a construção de práticas educacionais antirracistas, pois objetiva a desconstrução de estereótipos negativos acerca da população negra; a constituição de relações respeitadas entre negros e brancos nas práticas educativas e a valorização e difusão da cultura e demais saberes produzidos por africanos e afro-brasileiros. Ainda neste sentido, o itinerário favorece a alfabetização histórica e geográfica, promovendo uma leitura de mundo, que pode ser iniciada a partir do próprio espaço físico e social no qual se vive. Nas palavras de Helena Callai:

Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do

âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos) (CALLAI, 2005, p. 228).

Para além destas premissas educativas, o Itinerário também permite a elaboração de um trabalho escolar interdisciplinar, como é demonstrado no próximo tópico.

4.2 O Itinerário Educativo e os componentes curriculares

Como forma de trabalho interdisciplinar, o itinerário educativo alia o trabalho escolar com os componentes curriculares da Geografia, História, Artes e Língua Portuguesa. Neste sentido, sugere-se algumas possibilidades de trabalho educacional para os estudantes que estão cursando os anos iniciais do Ensino Fundamental. É importante ressaltar que o objetivo é demonstrar a riqueza de oportunidades e caminhos que uma proposta integrada de ensino, a partir dos espaços urbanos pode oferecer. Deste modo, não se indica um caminho único ou uma proposta engessada de trabalho, mas são apontadas possibilidades. Coaduna-se, neste sentido, com a perspectiva de uma educação e pedagogia que sejam engajadas: “buscando não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver o mundo” (HOOKS, 2017, p. 27).

- Geografia: O mapa retratado na Figura 1 pode ser utilizado como ferramenta de investigação e utilizado com o propósito de auxiliar na alfabetização cartográfica dos estudantes. Com o mapa também é possível trabalhar objetos do conhecimento ligados à construção de pontos de referência, às noções de localização, orientação e representação espacial.

- História: A realização de uma pesquisa prévia sobre a fundação da cidade de Belo Horizonte e a história de seus bairros²² poderia preparar previamente os estudantes para o passeio. Neste sentido seriam trabalhados objetos do conhecimento como o lugar que se vive; as pessoas e os grupos que compõem a cidade e o município; transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos.

- Artes: O trabalho com as artes visuais e artes integradas poderiam ser desenvolvidos na proposta de Itinerário que é apresentado. Assim, habilidades como reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais; e Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material

²² A prefeitura de Belo Horizonte em parceria com o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, desenvolveu uma coleção de livros, que é distribuída gratuitamente às escolas de Belo Horizonte, contando a história dos bairros da capital. Trata-se de uma coleção fundamentada em completa documentação da história de Belo Horizonte, de seus bairros e regiões.

e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas poderiam ser amplamente trabalhados. Outra possibilidade aventada é um trabalho com a música, numa pesquisa prévia sobre a obra musical da cantora Elza Soares.

- Língua Portuguesa: É também possível trabalhar com as práticas de linguagem, leitura e escrita, numa proposta integrada ao Itinerário apresentado. Os três murais eleitos para observação representam mulheres negras e neste sentido, acredita-se que seria muito proveitosa uma pesquisa sobre autoras negras brasileiras. A leitura de textos como aqueles escritos por Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo poderiam ser trabalhados, desenvolvendo a formação do leitor literário, além de valorizar e conhecer aspectos da história afro-brasileira pela escrita e biografia destas autoras. Outra sugestão é trabalhar trechos da biografia da cantora Elza Soares, identificando esse gênero textual e ligando-o, por exemplo, à fatos históricos brasileiros.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao construir roteiros e mapas etnográficos que possibilitem a educadores e estudantes conhecer a cidade a partir de outras perspectivas e outras narrativas, como aquela protagonizada pelos afrodescendentes, espera-se contribuir para a construção de uma educação antirracista e comprometida com as questões em torno da promoção da equidade racial. Espera-se, deste modo, que este projeto possa contribuir significativamente para a construção de propostas educacionais que contemplem a diversidade étnico-racial, como postulado pela LDB.

Ao trilhar o Itinerário proposto acredita-se que os estudantes poderão de uma forma diversa e participativa, apropriarem-se dos espaços urbanos cotidianos, que passam a ser vistos sob uma nova perspectiva, pois agora evocam memórias e tornam-se pontos de referência cultural e social sobre a população de negra. Neste sentido, as possibilidades de trabalho educativo que podem ser desenvolvidas a partir do percurso sugerido pelo Itinerário Educativo são várias, contribuindo não só do ponto de vista curricular e escolar para o desenvolvimento dos estudantes, mas tornando-se, também uma forma de “leitura de mundo”. Assim, o Itinerário Educativo colabora para a criação de práticas pedagógicas que envolvem os estudantes, “proporcionando-lhes maneiras de saber que aumentem sua capacidade de viver profunda e plenamente” (HOOKS, 2017, p. 36).

REFERÊNCIAS

- AS ESTÁTUAS TAMBÉM MORREM. **Documentário** de Ghislain Cloquet, Chris Marker, Alain Resnais. França, 1953. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9mGJEZehY4U>>. Acessado em: Jan. 2023.
- BARBOSA, N. R. **Museus e etnicidade**. O Negro no Pensamento Museal. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018. v. 1.
- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. **BNCC em PDF**, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acessado em: Jul. 2019.
- CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf> . Acessado em: Nov. 2022.
- CIRCUITO URBANO DE ARTE. **Histórico**, 2020. Disponível em:<<https://cura.art/#historico>>. Acessado em: Dez. 2021.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. v. 1. Artes de fazer. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSTA, L. **Site Brasil de Fato**. Monumentos de BH que homenageiam a cultura negra ainda são minoria, 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/07/04/monumentos-de-bh-que-homenageiam-a-cultura-negra-ainda-sao-minoria/>>. Acessado em: Set. 2019.
- EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO. **Cidades Educadoras**, 2020. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/conceito-territorios-educativos/>. Acessado em: Mai. 2019.
- ENGENHARIA CIVIL. **Dicionário**, 2016. Disponível em: <https://www.engenhariacivil.com/dicionario/empena>>. Acesso em: Jul. 2020.
- GOOGLE MAPS. **Belo Horizonte, Minas Gerais**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Belo+Horizonte,+MG/@-19.9026612,-44.1044792,11z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0xa690cacacf2c33:0x5b35795e3ad23997!8m2!3d-19.919052!4d-43.9386685>>. Acessado em: Jan. 2022.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**, 2010 – Características Gerais da População. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>>. Acessado em: Out. 2020.
- INGOLD, T. **The perception of the environment**: essays in livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000. Disponível em: <<https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2017/08/the-perception-of-the-environment-tim-ingold.pdf>>. Acessado em: Fev. 2023.

IPHAN. **Inventário Nacional de Referências Culturais**. Manual de Aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_do_INRC.pdf>. Acessado em: Jan. 2023.

JORNAL HOJE EM DIA. **Belo Horizonte**, 2017. Disponível em: < <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/voc%C3%AA-sabe-quais-s%C3%A3o-as-maiores-e-menores-ruas-e-avenidas-de-bh-confira-1.581810>>. Acessado em: Ago. 2019.

LOPES, J. T. Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Sociologia**, Porto, v. 17/18, n. 1, p. 69-80, 2007/2008. Disponível em: < <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2345>>. Acesso em: Dez. 2022.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L.G.; CASTRO, P. A. de. (Orgs.) **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011, p. 49-83. Disponível em: <http://books.scielo.org> >. Acessado em: Nov. 2022.

MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS. **Home**. Disponível em: <http://mao.org.br/> Acessado em: Jul. 2021.

NEVES, R.; FIALHO, V.; SILVA, C. P. Dossiê: etnografia, mapas e o fazer antropológico. **Vivência: Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 52, 2019; Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/17933> >. Acessado em: Fev. 2023.

NORA, P.; AUN K, T. Y. Entre memória e história: A problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acessado em: Fev. 2023.

SANTOS, B. de S. e MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Edições Almedina S/A: Coimbra, 2010.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000.